

EXPERIÊNCIA COM CRIANÇAS E EDUCADORES EM UMA COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM SUFICIENTEMENTE BOA: CONTRIBUIÇÕES DE D. W. WINNICOTT

*Táisa Resende Sousa**

*Regina Lúcia Sucupira Pedroza***

*Fatima Lucilia Vidal Rodrigues****

RESUMO

Este relato de pesquisa objetivou compreender a experiência com crianças e seus educadores na Escola Classe Comunidade de Aprendizagem do Paranoá (CAP), situada em uma Região Administrativa do Distrito Federal (DF). A fundamentação teórica ancora-se na relação entre psicanálise e educação, principalmente nas obras winnicottianas. A pesquisa é qualitativa, com base no método psicanalítico para construção e análise das informações. Os participantes foram 16 crianças (sete meninos e nove meninas) – com idades entre 8 e 12 anos – do Núcleo de Projeto/Consolidação da Alfabetização, o que inclui o 3º, 4º e 5º anos do Ensino Fundamental; e 14 educadores (12 mulheres e dois homens) – com idades entre 24 e 48 anos. Utilizamos os seguintes procedimentos: observação participante, oficinas lúdicas e roda de conversa. Ressaltamos,

*Psicóloga, professora, psicanalista e escritora. Formada há 10 anos pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), com Mestrado (2014) e Doutorado (2019) em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde pela Universidade de Brasília (UnB). Autora do livro “O brincar criativo: contribuições da psicanálise e da educação”. É psicóloga clínica parceira do Espaço Ybá em São Paulo. Atende crianças, adolescentes e adultos, presencialmente em SP e também de modo online.

**Doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília. Pós-doutorado em Sciences de l’Education pela Universidade Paris V, René Descartes. Professora associada da Universidade de Brasília no Instituto de Psicologia.

***Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pós-doutorado em Educação pela Universidade de Barcelona. Professora associada da Universidade de Brasília na Faculdade de Educação. Coordenadora da Rede Brasileira de Semilleros de Investigación.

neste trabalho, as vivências nas observações participantes, em uma roda de conversa com educadores e na última oficina lúdica com um grupo de crianças e sua educadora. Como resultados e discussão, trazemos a experiência desses sujeitos, por meio da utilização da fotografia, da fala e da brincadeira, o que evidenciou que a CAP está sendo um ambiente suficientemente bom. Existem grandes desafios no processo reflexivo das ações cotidianas, assim como existe uma construção rotineira de uma educação com sentido, que permite chances de desenvolvimento, de forma respeitosa, transformadora e acolhedora.

Palavras-chave: Psicanálise; Educação; Winnicott; Comunidade de Aprendizagem.

EXPERIENCE WITH CHILDREN AND EDUCATORS IN A SUFFICIENTLY GOOD LEARNING COMMUNITY: CONTRIBUTIONS BY D. W. WINNICOTT

ABSTRACT

This research report aimed to understand the experience with children and their educators at Escola Classe Learning Community of Paranoá (CAP), located in an Administrative Region of the Federal District (DF). The theoretical foundation is anchored in the relationship between psychoanalysis and education, mainly in Winnicott's works. The research is qualitative, based on the psychoanalytic method for the construction and analysis of information. The participants were 16 children (seven boys and nine girls) – aged between 8 and 12 years old – from the Literacy Project/Consolidation Center, which includes the 3rd, 4th and 5th years of Elementary School; and 14 educators (12 women and two men) - aged between 24 and 48 years. We use the following procedures: participant observation, playful workshops and a set of conversations. We highlight, in this work, the experiences in participating observations, in a set of conversations with educators and on the last playful workshop with a group of children and their educator. As results and discussion, we bring the experience of these subjects, using photography, speech, and play, showing that CAP has proven to be a good enough environment. There are great challenges in the reflexive process of everyday actions, just as there is a routine construction of meaningful education, which provides opportunities for development, in a respectful, transformative, and welcoming way.

Keywords: Psychoanalysis; Education; Winnicott; Learning Community.

EXPERIENCIA CON NIÑOS Y EDUCADORES EN UNA COMUNIDAD DE APRENDIZAJE SUFICIENTEMENTE BUENO: CONTRIBUCIONES DE D. W. WINNICOTT

RESUMEN

Este informe de investigación tiene como objetivo comprender la experiencia con los niños y sus educadores en la Escola Classe Comunidade de Aprendizaje de Paranoá (CAP), ubicada en una Región Administrativa del Distrito Federal (DF). La base teórica está anclada en la relación entre el psicoanálisis y la educación, principalmente en las obras de Winnicott. La investigación es cualitativa, basada en el método psicoanalítico para la construcción y análisis de información. Los participantes fueron 16 niños (siete niños y nueve niñas) – de entre 8 y 12 años – del Proyecto de Alfabetización/Centro de Consolidación, que incluye 3º, 4º y 5º de Educación Primaria; y 14 educadores (12 mujeres y dos hombres), de entre 24 y 48 años. Utilizamos los siguientes procedimientos: observación participante, talleres lúdicos y círculo de conversación. Destacamos, en este trabajo, las vivencias en observaciones participantes, en una conversación con educadores y en la última taller lúdico con un grupo de niños y su educador. Como resultado y discusión traemos la experiencia de estos temas a través del uso de la fotografía, el habla y el juego, lo que demostró que CAP está siendo un ambiente suficientemente bueno. Hay grandes desafíos en el proceso reflexivo de las acciones cotidianas, así como hay una construcción rutinaria de una educación significativa, que permite oportunidades de desarrollo de manera respetuosa, transformadora y acogedora.

Palabras clave: Psicoanálisis; Educación; Winnicott; Comunidad de Aprendizaje.

Este relato de pesquisa traz um recorte de uma tese de Doutorado que foi realizada na Escola Classe – Comunidade de Aprendizagem do Paranoá (CAP) – em uma Região Administrativa do Distrito Federal (DF). Possuímos a autorização da instituição para a utilização do nome próprio da CAP. O objetivo geral foi compreender a experiência com crianças e seus educadores naquela instituição, por meio da utilização da fotografia, da fala e da brincadeira dos participantes. Cada um nos revelava aquilo que era mais significativo, a partir das próprias vivências de mundo.

Essa prática trouxe uma reflexão sobre a importância dos espaços que vão nos constituindo como humanos. Ao longo da pesquisa, foi possível uma vivência radical de uma ética psicanalítica e de uma construção de conhecimento com a equipe pedagógica e as crianças. Ressaltamos, a partir disso, a singularidade de uma instituição que vive o seu território cultural, educativo e pluriépistêmico, acolhendo diferentes infâncias. Essa diversidade potencializa a existência institucional e as trocas de saberes, pensares e ações coletivas, sobretudo entre os educadores e as crianças.

Para fundamentar essas ideias, recorreremos às contribuições da psicanálise e da educação, principalmente de S. Freud e de D. W. Winnicott. Na teoria freudiana, vemos a importância dos conceitos: transferência, sublimação, vínculo e inconsciente. A construção do conhecimento depende da relação professor-aluno, porque as primeiras experiências são fundamentais e vão se transformando ao longo da vida.

As crianças relacionam-se com os professores, que se tornam figuras substitutas, transferindo sentimentos ligados primariamente às *imagos parentais*, tratando-os também com ambivalência emocional. Daí a importância de uma boa relação entre escola-família-criança-comunidade. A personalidade dos professores, para algumas crianças, pode ser mais relevante do que o conteúdo da matéria, já que cada aluno tomará para si aquilo que faz sentido, levando em conta as próprias experiências (Freud, 1914/1996).

Outra contribuição freudiana é o reconhecimento da sexualidade infantil e o papel da repressão, pois, no processo de desenvolvimento, a criança vai tentando controlar seus impulsos primitivos, por meio da educação, e a psicanálise pode contribuir como uma tentativa de encontrar medidas profiláticas. A educação deveria “inibir, proibir e suprimir” (Freud, 1932/1996, p.147), mas a questão que se coloca é encontrar o “ponto ótimo que possibilite à educação atingir o máximo com o mínimo de dano. Será, portanto, uma questão de decidir quanto proibir, em que hora e por que meios” (Freud, 1932/1996, p.147).

No entanto, parece ser impossível pensar em um mesmo método bom para todos, em qualquer contexto. Para os educadores, caberia o reconhecimento da individualidade de cada um, respeitando a diversidade e buscando oferecer uma “quantidade exata de amor e, ao mesmo tempo, manter um grau eficaz de autoridade” (Freud, 1932/1996, p. 147).

Seria um caminho de encontrar formas de acolher sentimentos tão intensos que vêm das crianças e das suas experiências de mundo, em um movimento constante entre liberdade e autoridade. Nesse processo, é essencial escutar o que as crianças têm a dizer sobre si e sobre o mundo. Elas devem, inclusive, elaborar junto as regras de convivência, para que isso possa fazer sentido no cotidiano. Portanto, a construção de um vínculo de confiança é fundamental para que possa emergir um processo educacional que faça sentido aos envolvidos.

Algumas questões pensadas para as crianças, incluindo suas experiências escolares, juntamente com a difusão da abordagem psicanalítica no contexto brasileiro, foram modificando as relações familiares, as concepções sobre subjetividade e história individual. Com a expansão do pensamento da psicanálise houve uma “intensificação do papel dos pais na socialização primária dos filhos, da ampliação da autonomia das crianças, sua individualidade e escolha, assim como do questionamento dos valores tradicionais e das convenções sociais” (Josiwicz, 2020, p. 57). Então, foi dada ênfase às questões psicológicas também nos âmbitos escolar e educacional.

Nessa leitura psicanalítica, entendemos que os educadores não conseguem controlar – ainda que, em alguns momentos, haja uma tentativa de controle – os efeitos de suas palavras e ações sobre os alunos. Além disso, não sabem quais associações eles farão e nem como tomarão para si o que faz sentido, a partir das próprias vivências. O processo de ensino e aprendizagem não é algo mecânico, pois envolve o encontro entre diferentes pessoas, culturas, histórias e desejos.

Outra contribuição da psicanálise é na construção rotineira de uma educação afetiva, possibilitando a criação de uma sensibilidade relacional. Entendendo que a aprendizagem vai além das capacidades cognitivas, emerge a importância do aspecto emocional. Os educadores poderiam ter uma compreensão mais profunda ao que acontece com cada um de seus educandos, aproximando-se deles de forma mais íntima e descontraída (Pedroza, 2010).

Reconhecendo os atores da escola como sujeitos do inconsciente, é possível afirmar que não controlamos e nem prevenimos nossas ações. Até mesmo a ideia de profilaxia de futuras neuroses é algo impossível, nem

com o ideal de boa educação, justamente pela dinâmica do inconsciente e dos diversos caminhos de desenvolvimento humano. A construção do processo educacional envolve uma relação entre diferentes pessoas e abarca o encontro entre inconscientes, desejos e pulsões, sendo o vínculo um elemento essencial para a construção do aprendizado (Sousa, 2019).

Enfatizamos a relevância da formação de professores, valorizando a reflexão nos diversos espaços escolares e comunitários, a partir de uma lente atravessada pela educação e pela psicanálise. Eles precisam estar suficientemente bem consigo mesmos para poder acolher os tantos sentimentos e manifestações pulsionais, desde a mais tenra infância.

A teoria winnicottiana acrescenta a importância do acompanhamento e intervenção com as pessoas nos espaços escolares e comunitários, para que os educadores consigam ir conhecendo seus educandos, de um jeito íntimo e profundo. Assim, cada criança poderá, diariamente, descobrir a extensão de seus impulsos, tornando-se capaz de lidar com eles, criativamente. Para tanto, é preciso acolhimento e escuta para que possam potencialmente ser elas mesmas, criando formas de estar no mundo (Winnicott, 1997/2005).

O amadurecimento emocional também é um fator essencial. No processo de desenvolvimento humano, há uma tendência para a integração da personalidade. O bebê vai construindo e expandindo seu *self* na base do funcionamento de seu corpo, pertencente, no início, a elaborações imaginativas (das funções e partes somáticas) que vão se tornando complexas e formando a realidade psíquica. Processualmente, ele pode alcançar a experiência do EU SOU, estabelecendo relações mais integradas com o mundo, o que depende de um ambiente suficientemente bom. Nesse estágio, a criança já tem uma definição de si em relação ao mundo externo, reconhecendo-se separada da mãe e, portanto, já de posse de um mundo pessoal, iniciando a capacidade de se relacionar com o mundo de forma cada vez menos subjetiva (Winnicott, 1983/2007).

É pelo sentimento de confiança no ambiente, inicialmente representado pela atitude da figura materna, que se torna possível uma sensação no bebê de que está sendo cuidado e amado. Aos poucos, ele mesmo vai criando a sua própria concepção de confiança. No início, o amor é expresso, principalmente, em forma de cuidado, por meio de

um ambiente favorável. O conceito de ambiente suficientemente bom, explorado neste artigo, foi desenvolvido por Winnicott (1945) a partir dos atendimentos clínicos dos bebês com suas mães. Ele criou o termo mãe suficientemente boa como aquela mãe dedicada comum que ama, cuida e sustenta o lactente para que possa ter o sentimento de existência: de que a vida vale a pena ser vivida. Por meio da relação contínua entre mãe-bebê, o lactente vai conhecendo o mundo, ao seu modo, construindo e expandindo seu verdadeiro *self*.

Essa mãe suficientemente boa começa com uma adaptação quase completa ao bebê, sustentando uma vivência de ilusão, de controle, de onipotência e de criatividade primária. Aos poucos, essa adaptação vai abrindo espaços a pequenos momentos de menor adaptação quando o lactente demonstra uma crescente capacidade em suportar essa ausência materna. Vai acontecendo o desilusionamento, de maneira gradual. Pela presença constante da figura materna, torna possível a passagem do subjetivo ao objetivo. O bebê vai percebendo a mãe como algo externo, como não-eu. Quando é possível um contato criativo com o mundo, bebês e crianças vão podendo se apropriar da realidade externa, enriquecendo-se com suas experiências internas (Winnicott, 1945).

Fazendo uma relação entre o amadurecimento emocional e o papel da educação, o que Winnicott (1983/2007) propõe é o respeito ao desenvolvimento, de forma ampla, considerando os âmbitos físicos, psíquicos, psicossomáticos e ambientais, uma vez que as atitudes das crianças só se tornam humanizadas pelo cuidado e pela experiência com as figuras parentais e com outras pessoas com quem convive.

Para os adultos, caberia a complexa tarefa de apresentar continuamente o mundo à criança, respeitando seu tempo de desenvolvimento e sua capacidade de construção da autonomia, que se dá a partir do encontro com o outro. O ambiente é suficientemente bom no sentido de ter também falhas, desafios e imperfeições, por ser algo que só pode acontecer a partir desse encontro entre humanos. Fazemos aqui uma relação com a noção de cuidado com o outro, como algo que valoriza as possibilidades de desenvolvimento, e não um controle de condutas. O ambiente não faz a criança; na melhor das hipóteses, ele possibilita à criança concretizar seu potencial (Winnicott, 1997/2005).

Com base nisso, acreditamos que instituições escolares e comunitárias podem ampliar as vivências de mundo e atuar junto com as funções familiares. Pais, mães e professores podem caminhar juntos, a fim de auxiliar no processo de apresentação do mundo às crianças, potencializando o desenvolvimento e a capacidade criativa. Essa capacidade criativa é entendida como um viver criativo que vai além, por exemplo, das criações de obras artísticas (Winnicott, 1975).

Neste artigo, apresentamos de que maneira a CAP tem sido um ambiente suficientemente bom, permitindo a continuidade ao sentimento de existência.

MÉTODO

Esta pesquisa é baseada na psicanálise, tanto na fundamentação teórica como nos pressupostos metodológicos e na discussão dos seus resultados. No texto *O método psicanalítico*, de Freud (1904/1996), é possível notar um caminho: de início, foi o uso da hipnose, passando pelo método catártico, até a construção do método psicanalítico freudiano da associação livre e a técnica da interpretação. Ainda que existam as especificidades no âmbito das pesquisas científicas, é preciso considerar essas questões, sobretudo para a criação da psicanálise e para o seu desdobramento.

Na teoria winnicottiana, podemos acrescentar outra noção: a ideia principal é a construção de encontros vivos entre os seres humanos, a partir da capacidade do brincar criativo, para que possa ocorrer a espontaneidade e a integração do *self* (tanto na clínica, como nas pesquisas científicas, nas escolas, nas comunidades de aprendizagem e na vida, em geral). Nesse sentido, o método winnicottiano está embasado na criação de um ambiente suficientemente bom para o amadurecimento emocional, tendo em vista que todas as pessoas nascem com uma tendência para a integração, mas precisam de um ambiente favorável para o desenvolvimento de suas potencialidades (Winnicott, 1975).

Esta pesquisa, especificamente, teve como objetivo a compreensão das maneiras com que as pessoas constroem suas concepções, sentidos e significados, descrevendo-os, por meio de falas, de fotografias e pelo brincar. Em todo processo, houve uma relação entre sujeitos que, a

partir dos encontros vividos, puderam criar diferentes formas de estar no mundo (Sousa, 2019).

Após a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Brasília (UnB), realizamos diferentes procedimentos: dois dias de observação participante, quatro oficinas lúdicas com as crianças e sua educadora, além de uma roda de conversa com os educadores da CAP. Cada encontro teve a duração aproximada de uma hora e meia, acontecendo com uma frequência semanal. As pessoas que participaram – com o Consentimento Livre e Esclarecido ou com o Termo de Assentimento assinado pelos responsáveis – foram: 16 crianças (sete meninos e nove meninas), com idades entre 8 e 12 anos, do Núcleo de Projeto/Consolidação da Alfabetização, o que inclui o 3º, 4º e 5º anos do Ensino Fundamental, e 14 educadores (12 mulheres e 2 homens), com idades entre 24 e 48 anos. Dos educadores, 13 participaram da roda de conversa. A professora regente participou de todas as oficinas lúdicas – somente não participou do momento posterior de roda de conversa, por estar de licença maternidade.

Para este artigo, apresentaremos as reverberações desses procedimentos e nos aprofundaremos na observação participante, na roda de conversa e na quarta e última oficina. Nesta, a partir do interesse das crianças junto com sua educadora, surgiu a proposta para a utilização do recurso fotográfico para retratar as experiências na CAP. A dinâmica foi: emprestávamos o nosso próprio celular para cada uma e acompanhávamos a escolha do cenário da foto; enquanto isso, elas nos contavam sobre sua vivência naquele espaço. Já com os adultos, as fotos foram enviadas posteriormente à pesquisadora.

Como já dito, o interesse de fazer uma oficina de fotos para encerrar os encontros partiu da turma de crianças. Houve uma votação e essa proposta foi a escolhida. Ao fotografar, ressaltamos que cada um poderia escolher onde colocaria a câmera e faria seu registro. Cada criança e cada educador escolheu seu cenário preferido, qual ângulo usar e o que fotografar: pessoas, lugares, objetos, ou ainda, elas mesmas, fazendo uma *selfie*. Isso nos contava sobre as suas escolhas e, junto a isso, eles também falavam acerca dos significados de seus olhares e de suas experiências na CAP. A captura do instante naquela instituição, com as crianças e os

educadores, configurou-se como um momento de encontro, acolhimento e reflexão sobre o que era vivido naquele espaço educador.

Nos processos de pesquisa, a criança precisa ser entendida “como sujeito ativo, criativo e histórico” (Almeida, Krüger-Fernandes & Borges, 2020, p. 3). Desse modo, a metodologia implica construir um espaço para a abertura e o acolhimento de diferentes reflexões e posicionamentos críticos sobre o mundo infantil, com a mediação da pesquisadora.

A respeito do uso da fotografia, ressaltamos que antes de existir a câmera fotográfica, a memória era utilizada como uma forma de registrar as informações. Processualmente, a foto substituiu essa necessidade de lembrar e de narrar os fatos. Porém, ainda hoje, a fotografia pode ser – além de uma lembrança de uma vida que está sendo vivida – uma prática alternativa, uma memória política e social, valorizando os processos subjetivos. Então, as fotos estariam também relacionadas com a memória, podendo criar um contexto particular, trazendo as próprias palavras, lugares e sentidos. Não é apenas o fotografar pelo fotografar, mas criar algo que tenha um valor de experiência para as pessoas (Berger, 1980/2003). As fotos tiradas na CAP foram uma vivência primitiva, abrangendo a história pessoal, o contexto cultural e a maneira que cada um olha e sente os fenômenos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A CAP COMO UM AMBIENTE SUFICIENTEMENTE BOM

Para sustentar essa ideia de que a CAP é um espaço suficientemente bom, trazemos, de início, algumas de suas características e aspectos históricos, a partir de seu Projeto Político Pedagógico (PPP) publicado em 2018. Trata-se de uma instituição recente, inaugurada no dia 02 de maio de 2018. Quando a pesquisa foi realizada, havia 456 alunos e 50 servidores, sendo eles: 24 professores, incluindo a equipe gestora; 12 educadores sociais voluntários; 13 servidores/educadores terceirizados (limpeza, segurança e merenda); e um chefe de secretaria.

A respeito do contexto social onde a CAP está inserida, é considerado como vulnerável, violento, com alto índice de evasão escolar e com poucas opções culturais, como cinemas, teatros ou outros. Existem poucas escolas e muita demanda de crianças para estudar. A CAP se organiza tentando

abranjer aspectos subjetivos, objetivos e de comunidade. Cada professor é também tutor, educador e cuidador, estimulando os alunos em seus pensamentos, tomadas de decisões e resolução de conflitos. Cada um acompanha e orienta o percurso do aluno, registrando em ficha individual o processo de desenvolvimento e de aprendizagem, através de relatório, incluindo questões emocionais. A avaliação é feita de forma individualizada, formativa, não classificatória, sem retenção, respeitando o tempo e o ritmo de cada um, havendo um dinamismo e uma participação de todos, buscando a construção diária de um espaço democrático e comunitário (PPP, 2018).

A CAP é uma instituição com proposta de transformação educacional, inspirada nos valores de autonomia, solidariedade, amor e respeito. Parte de um desejo de construção de aprendizagens significativas, baseando-se em um modelo de educação comunitária (Pacheco, 2019). Inspirados em modelos alternativos em educação, as turmas são multiseriadas, divididas em: 1. Bloco de Educação Infantil; 2. Bloco de Iniciação à Alfabetização (BIA) que envolve o 1º e o 2º anos do Ensino Fundamental; 3. Bloco de Consolidação/Desenvolvimento da Alfabetização para as crianças do 3º, 4º e 5º anos, trabalhando por Núcleos de Projetos.

O interessante é que todos lá são considerados como educadores. Em um momento da observação participante, vivenciamos a oficina de criação de brinquedos com uma turma de Educação Infantil, que estava sendo coordenada pelas professoras regentes, por duas funcionárias da limpeza e pelas próprias crianças. Os objetos construídos foram ioiô, pião e peteca, a partir dos recursos da própria comunidade. Assim que entramos naquele espaço, pedimos ajuda a uma criança, porque não sabíamos por onde começar. Achamos interessante ir construindo junto e aprendendo com eles. Foi possível notar a interação entre crianças e adultos de forma respeitosa, além do envolvimento de outros funcionários da escola com as crianças, não apenas as professoras regentes (Sousa, 2019).

Durante toda a pesquisa, notamos como a CAP se caracteriza como um ambiente suficientemente bom. As crianças tinham uma relação amorosa com a educadora Lia. Ressaltamos que, ainda que tenhamos a autorização institucional para a utilização do nome próprio da CAP, mantemos o sigilo das informações dos participantes; portanto, Lia é um nome fictício, assim como os demais que aparecem neste artigo.

Desde o primeiro momento, sentimos que era um lugar diferente, acolhedor, com crianças e adultos ocupando o espaço. Não parecia uma escola comum! Havia cores, movimentos, pessoas divertidas, brincadeiras espontâneas, oficinas, segurança/porteiro que batia cordas, brincava e abraçava as crianças, funcionários da limpeza que participavam e coordenavam as oficinas. Diretora que também brincava, abraçava e chamava as crianças pelos nomes próprios. As professoras brincavam de modo espontâneo, respeitoso e criativo. O processo de escolha de qual turma acompanharíamos também foi negociado e combinado: nada de imposições, mas sim de negociações.

Outra experiência que destacamos, na observação participante, é com o segurança/porteiro da CAP que brincava de elástico, batia cordas, jogava bola com as crianças, enfim, assumia esse lugar também de educador e de adulto disposto a brincar. Enquanto estávamos naquela instituição, percebemos que as crianças sabiam onde estavam os materiais, tendo a liberdade para entrar e sair da sala de depósito, criando diferentes brincadeiras, pedindo ajuda para pegar bolas, por exemplo, que estavam em um lugar alto. Elas desfrutavam daquele espaço, feito principalmente para elas.

Como em outros lugares, conflitos acontecem. Nós também brincávamos com as crianças e presenciamos um incidente em que Sofia foi machucada com uma bola no dedo. Ela chorou e ficou reclamando de dor. Notamos como as crianças conseguiam conversar entre si e resolver os conflitos, desenvolvendo a autonomia e a criatividade para lidar com tantas situações da vida que podem ser inesperadas e com algum sofrimento. Naquele episódio, Sofia nos pediu um abraço; nós a abraçamos e depois ela preferiu ficar sentada, descansando e observando. Também notamos que outra menina estava chorando e sua colega foi abraçá-la, tentando entender o que tinha acontecido e como poderia ajudar. Experimentamos, assim, noções de empatia, amor e cuidado, que estavam presentes no cotidiano daquele ambiente suficientemente bom.

FOTOGRAFIAS DE UMA COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM SUFICIENTEMENTE BOA

Tanto as crianças como os educadores tiraram fotos – que podem ser encontradas na tese de Doutorado intitulada *Psicanálise, educação e*

infância: experiência de educação criativa e brincante em uma Comunidade de Aprendizagem (Sousa, 2019) – que revelaram a experiência pessoal na CAP. As perguntas mobilizadoras foram: “o que a CAP representa para você?” e “como é a sua experiência na CAP?”.

A sala da diretora foi fotografada por duas crianças. A primeira tirou uma foto da parte externa, contando que valorizava a figura da diretora como carinhosa, brincalhona e disponível a emprestar livros. A segunda foto representou, além da sala em si, as pessoas de que a criança tanto gostava: a diretora e outra professora da CAP, por considerá-las como carinhosas e que também emprestavam livros. Essa foi a primeira diferença que notamos da CAP como um ambiente suficientemente bom, porque, em geral, a sala da diretora é relacionada a um espaço de punição e de castigo. Na CAP, acontecia o oposto; as crianças tinham liberdade para ir e vir, entrar para pedir ajuda, pegar uma régua emprestada, conversar sobre assuntos pessoais, pedir livros, enfim, sentirem-se parte daquele lugar. Raquel, a diretora, chamava as crianças pelos nomes próprios, conhecia suas histórias e tinha disponibilidade para brincar.

As escolas e comunidades de aprendizagem precisam ser acolhedoras e possibilitar espaços para o brincar espontâneo. É preciso que os diretores sejam reeducados, ressignifiquem suas funções, como aponta Bogomoletz (2018): “para que não demitam professores que estão ‘brincando em serviço’. Se o diretor ou a diretora souberem brincar, permitirão e até exigirão que o clima na escola seja esse” (s/p). Foi essa imagem de diretora brincalhona que ficou evidente para nós.

Destacamos que o lugar predileto das crianças foi o parque, sendo fotografado por quatro crianças, em ângulos diferentes. Uma destacou a brincadeira de pular cordas, por ser algo importante para ela. Trata-se de uma criança tímida, que resistiu em viver a experiência de fotografar. A professora precisou conversar com ela para que se dispusesse a nos acompanhar e contar um pouco sobre sua experiência na CAP. Enquanto caminhávamos naquele espaço, ela teve a liberdade e a confiança de nos revelar que vencera uma disputa de pular cordas, pulando mais de duzentas vezes sem errar. Contou ainda que adorava o parque, porque sentia que é livre e porque ficam lá muito tempo, fazendo diferentes atividades. Além disso, adorava o segurança/porteiro, porque ele brincava

junto com elas. As outras três crianças focaram mais nos brinquedos do parque, reconhecendo-o como um lugar de diversão.

Um menino, que também escolheu tirar uma foto do parque, fez uma *selfie*, dizendo que ele nesse ambiente é o que importa, e não apenas o parque em si. Além dele, outra aluna fez uma *selfie*, junto com um livro, dizendo que adorava estudar na CAP. Ressaltamos como escolas e comunidades de aprendizagem fazem parte do processo de construção de identidade.

Campos (2014) teve um resultado semelhante em sua pesquisa, realizada na *Free School*, quando uma menina tirou uma foto dela mesma, afirmando: eu sou a *Free School*. Essas frases que as crianças fazem sobre a escola ou a comunidade de aprendizagem ser elas mesmas nos marcam, pois, a identidade delas é construída “a partir da escola, com a escola. E, ao colocar ela e a escola em igualdade [...] torna a recíproca verdadeira: a escola também é ela” (p. 48). As experiências humanas implicam e sofrem implicações dos espaços sociais; a questão é como cada ambiente consegue acolher tantas experiências.

Diferentemente disso e de forma surpreendente para nós, outra criança afirmou que do que mais gostava na CAP era da matéria de exatas, só que achava difícil tirar uma foto disso. Portanto, fotografou uma mesa com as cadeiras dizendo que era um bom cantinho para se estudar exatas, revelando uma concepção mais tradicional sobre espaços escolares.

Valorizamos também a foto de uma criança que pediu para que seus melhores amigos se abraçassem no momento do clique. Ao lembrar que uma das tarefas das instituições escolares e comunitárias é criar uma atmosfera emocional menos carregada que o lar, construindo novas relações sociais, ressaltamos como esse menino retratou seus vínculos de amizade. Nesses espaços, podemos criar outras formas de relação, diferentemente do que vivenciamos na família. Esse aspecto emocional precisa ser levado em conta, até mesmo para pensar no desenvolvimento integral das pessoas (Winnicott, 1971).

Além disso, duas crianças escolheram o cantinho dos pufes para fotografar, argumentando que adoram aquele espaço quando não têm nada para fazer, compreendendo que a escola pode também ser um lugar de descanso. Valorizamos experiências de ócio, de repouso e de tranquilidade, já que podem permitir a elaboração de tantas informações

– que são, por vezes, bombardeadas em nós – e possibilitar a manifestação da criatividade e o sentimento de continuidade de existência.

Enfatizamos alguns valores da CAP – como a autonomia, a solidariedade, o amor e o respeito – ressaltando-a como um ambiente suficientemente bom. Pela experiência, pela brincadeira, pelo discurso e pelas fotos que as crianças tiraram, foi possível notar que a CAP, de fato, coloca em prática essas ideias. Os alunos sentem-se livres, podendo explorar o espaço, caminhando por ele e se apropriando daquilo que faz sentido. Essa noção de liberdade relaciona-se ao fato de haver um sentimento de confiança e de segurança, para que as tantas chances de desenvolvimento possam acontecer, de maneira criativa e respeitosa; ainda que com a existência de inúmeros desafios.

Foi essencial o movimento das crianças ao escolherem seus cenários para fotografarem e foi importante acolher o que elas estavam dizendo. Essa última oficina foi repleta de significados, trazendo elementos sobre como cada uma vivenciava aquele espaço e como ele trazia implicações as suas vidas. Na leitura winnicottiana, não se deve separar o ambiente da criança, por se tratar de um movimento de vai e vem; envolvendo uma fluidez. Enfatizamos as *selfies* que foram tiradas, bem como as fotos dos amigos, além das concepções sobre a CAP como um espaço livre, de brincadeiras espontâneas, de aprendizagem e de compartilhamento dos conhecimentos universais (como um espaço para as matérias exatas), além de um lugar para se poder descansar também.

Vemos, com isso, como o processo de construção da identidade está intimamente ligado aos ambientes dos quais fazemos parte, uma vez que as escolas e comunidades de aprendizagem vão muito além do ensino de conteúdos formais. A diferença encontrada nessa comunidade de aprendizagem é a valorização primordial da instituição pública como um espaço que proporciona aprendizagem, desenvolvimento, criatividade, laços de amizade e relação amorosa de interlocução com seu território.

Ademais, notamos que, enquanto fotografavam, as crianças contavam suas histórias, revelando maneiras particulares de perceber o próprio mundo. As palavras unidas a uma linguagem corporal e também à imaginação contavam sobre memórias da realidade que cada criança vivenciava. Foi possível fazer diferentes combinações daquele mundo real

em que cada uma estava inserida, podendo germinar novas criações, pois elas não são apenas espectadoras de uma realidade, mas sim criadoras dela (Almeida *et al.*, 2020).

Partindo para as fotografias dos adultos, foi possível observar que destacaram momentos vividos com as crianças e com os educadores na CAP. Começamos pela educadora Lia. Ela nos enviou sua foto em um momento posterior, já que estávamos nos dedicando mais às crianças, na última oficina. Sua foto representava sua história naquele lugar, pois ela foi uma das educadoras que esteve presente desde o início, quando a CAP ainda era um projeto e um sonho. Nesse processo de construção, alguns educadores viajaram para visitar escolas e comunidades de aprendizagem que eram referências para eles. Além disso, estudaram seus materiais, fizeram entrevistas a alguns diretores, professores e educandos. Isso tudo foi importante para que pudessem criar a CAP, a partir de experiências já existentes e que fazia sentido para aquele contexto. Então, sua foto foi uma *selfie* junto com outras colegas educadoras, visitando uma escola/comunidade de aprendizagem que ela admirava.

A foto da pesquisadora foi a praça da CAP, acreditando que é um lugar de encontro da diversidade. Houve certa dificuldade na escolha de apenas um cenário. A praça foi a escolhida pelo fato de ter sido o lugar onde havia acontecido três das oficinas e por compreender que, naquele espaço, era possível o desenvolvimento de tantas outras atividades.

Partimos agora para algumas fotografias dos outros educadores. De 24 professores da CAP, 13 puderam participar da roda de conversa, a partir da disponibilidade de cada um. Desse grupo, 8 escolheram algumas fotos de como é a experiência naquele espaço. A primeira foto traz a potência na exploração de espaços para além dos muros escolares, aproveitando os recursos que a própria comunidade tem a oferecer. Por exemplo, além da turma fazer um passeio e conhecer outros lugares, tendo um momento descontraído, os professores podem aproveitar essa experiência para trabalhar conteúdos formais, como: área do quadrado, elementos da plantação, importância da água para o crescimento das plantas e, ainda, uma redação sobre os sentimentos que tiveram durante a vivência.

Além disso, as fotos traziam: o cuidado com o outro, o brincar espontâneo, a importância do vínculo dos professores com seus alunos, a

relação de amor, o sentimento de coletividade, a escuta e o acolhimento ao que o outro diz, a construção de dispositivos com sentido e o estímulo à manifestação de diferentes formas de expressão. Fazemos ênfase a uma foto de uma educadora, a mais nova no grupo, retratando o olhar atento, curioso e criativo das crianças.

Destacamos, também, a fala da diretora, que também foi participante da roda de conversa: *“as crianças, com frequência, entram na sala da direção e questionam nosso trabalho. Gosto da nossa cara de apaixonadas, olhando meio bobas enquanto as crianças perguntam”*. Ela valorizou um dos dispositivos da CAP: pedir a palavra com o gesto de levantar a mão, pois, segundo ela, *“esse é nosso dispositivo mais divulgado, simbolizando também nossa resiliência, pois podem ser muitas horas com a mão levantada (risos)”*.

Nesse processo de construção de uma educação com sentido e de um ambiente suficientemente bom, os educadores relataram alguns importantes desafios. O principal deles foi partir daquilo que o aluno já sabe e do que ele quer saber, relacionando esse desejo pelo aprendizado com o que é exigido nos parâmetros curriculares de ensino. É um trabalho específico, sendo necessário escutar e acolher o que cada criança diz e o que faz sentido para cada uma. É ainda mais desafiador pelo fato de trabalharem com turmas grandes e com poucos professores em cada uma – o que é uma questão das instituições públicas em geral. Esse mesmo trabalho com grupos menores poderia funcionar melhor, para ter uma proximidade maior com cada criança. Outro desafio relatado foi a construção constante da autonomia e do respeito ao tempo e ao ritmo de cada um.

Os professores ainda trouxeram a necessidade de terem apoio e ajuda em suas práticas, no sentido de haver mais pessoas para desenvolver determinada prática, ou um auxílio na elaboração de vivências pessoais, ou ainda um espaço de escuta para possíveis angústias, medos, desafios, impasses – tanto no que tange aos assuntos pedagógicos quanto às questões psíquicas.

Destacamos essa importância de os educadores estarem suficientemente bem consigo mesmos, com suas questões internas, para poder acolher seus alunos. Como Pacheco (2019) afirma: o autoconhecimento e o autocuidado são fundamentais. O conhecimento vai sendo construído a partir da experiência, valorizando a interdisciplinaridade e reconhecendo o aluno como protagonista de seu processo de ensino-aprendizagem.

Por fim, uma questão que foi colocada é o desafio de a CAP ser, de fato, uma comunidade de aprendizagem, com o envolvimento verdadeiro das famílias e da população. Os educadores percebem que ainda estão funcionando em formato de Escola Classe, cumprindo com suas obrigações formais. Lembramos que é uma experiência recente, inaugurada em 2018. Um dos educadores foi enfático ao afirmar que há uma dificuldade na relação família-escola-comunidade-criança, e um dos possíveis motivos é o fato de alguns pais morarem longe da CAP e não terem condições de ir até lá nas reuniões bimestrais que acontecem aos sábados de manhã, tampouco nas reuniões que são marcadas durante a semana, para falar sobre cada criança de forma individual, pensando juntos em uma boa educação.

Ainda assim, mesmo com os desafios e com a questão de ser uma equipe diversa, com caminhos singulares e motivações próprias para estar e continuar na CAP, todos acreditam na possibilidade de construção de uma educação transformadora e com sentido. Alguns enfatizaram, especificamente, a questão da liberdade e do brincar espontâneo, do respeito ao tempo do outro, de ser aquilo que se é, de acolher os sentimentos e de ter espaço para demonstrar as próprias opiniões, construindo coletivamente a CAP, de maneira suficientemente boa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do objetivo deste artigo – de compreender a experiência com crianças e educadores na CAP, por meio da utilização de fotografias, falas e brincadeiras – entendemos que foi possível nos aproximarmos de uma maneira mais íntima daquelas pessoas. Elas nos contavam de um jeito singular o que era mais significativo naquele espaço, a partir das vivências de mundo.

Com a nossa experiência, refletimos acerca da importância dos espaços que vão nos constituindo como humanos. Recorremos à lente psicanalítica para estudar esses fenômenos subjetivos, entendendo que estamos vivendo um período histórico e político marcado pela colonialidade/modernidade. As nossas experiências humanas implicam e sofrem implicações dos espaços sociais. A questão que colocamos

como reflexão é: como cada ambiente consegue acolher tantas vivências diferentes? Valorizamos, a partir disso, a necessidade de que os professores possam estar suficientemente bem consigo mesmos para poderem acolher os sentimentos e manifestações das crianças. Para isso, também precisam ser acolhidos, escutados e respeitados.

Uma possibilidade para estudos futuros é explorar justamente o espaço do grupo para os educadores falarem sobre suas vivências emocionais (indo além do conteúdo pedagógico). Eles poderiam ajudar uns aos outros, buscando soluções criativas – coletivamente – para situações cotidianas. Além disso, poderiam se sentir acolhidos, também em suas angústias, e acolherem as de seus alunos.

Defendemos que a CAP está sendo um ambiente suficientemente bom, com importantes desafios no processo reflexivo das ações cotidianas, construindo rotineiramente uma educação com sentido, que permite tantas chances de desenvolvimento, de forma respeitosa, transformadora e acolhedora. Nesse processo, por exemplo, a instituição se organiza de forma a tentar abranger aspectos subjetivos, objetivos e de comunidade. Isso revela uma possibilidade de entender as pessoas como seres integrais, valorizando ainda as histórias de vida que cada um carrega consigo. Mesmo sabendo dos desafios, foi possível notar que as crianças estão vivenciando uma educação diferente, sentindo-se mais acolhidas, respeitadas e valorizadas.

Além disso, os educadores acreditam e trabalham arduamente para que essa educação transformadora e com sentido possa continuar acontecendo, buscando ainda formas para lidar com os desafios. Quando os professores conseguem acolher, de um jeito amoroso, as diferentes manifestações das crianças, inclusive, agressivas, podem auxiliar na constituição de um espaço que favoreça que uma experiência destrutiva possa ser reconhecida, acolhida e, quem sabe, na repetição e sobrevivência, facilitar que o brincar criativo aconteça. Desejamos que mais instituições educacionais – escolas ou comunidades de aprendizagem – possam ser suficientemente boas, brincantes e criativas.

REFERÊNCIAS

- Almeida, B. P., Krüger-Fernandes, L. & Borges, F. T. (2020). De espectadora a criadora: imaginação, faz de conta e mídia televisiva no desenvolvimento infantil. *Revista Psicologia & Sociedade*, 32, 1-19. doi: 10.1590/1807-0310/2020v32205296
- Berger, J. (2003). *Sobre o olhar*. Londres: Gustavo Gili. (Obra original publicada em 1980).
- Bogomoletz, D. (2018). *Educação: uma questão de saúde pública - Contribuição de Winnicott para a educação*. Eranthus: Edição do Kindle.
- Campos, N. F. (2014). *A experiência das crianças em uma escola democrática: olhares e interpretações*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Brasília-DF, Brasil.
- Freud, S. (1996). O método psicanalítico de Freud. In S. Freud. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (vol.7). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1904).
- Freud, S. (1996). Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar. In S. Freud. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 13). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1914).
- Freud, S. (1996). Explicações, aplicações e orientações. In S. Freud. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol.22). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1932).
- Josiowicz, A. (2020). A psicanálise e as transformações na concepção da infância nas crônicas e colunas de Clarice Lispector, 1952-1973. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 27, 53-69. doi: 10.1590/s0104-59702020000100004.
- Pacheco, J. (2019). *Inovar é assumir um compromisso ético com a educação*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Projeto Político Pedagógico – Escola Classe / Comunidade de Aprendizagem do Paranoá - *Projeto de Inovação Educacional* (2018). Recuperado em 08/08/2018 em: <http://www.se.df.gov.br/wpconteudo/uploads/2018/07/pppecomunidadeaprendizagemdoparanoacreparanoa.pdf>.
- Pedroza, R. L. S. (2010). Psicanálise e Educação: análise das práticas pedagógicas e formação do professor. *Revista Psicologia da Educação*, 30, 81-96.

- Sousa, T. R. (2019). *Psicanálise, educação e infância: experiência de educação criativa e brincante em uma Comunidade de Aprendizagem* (Tese de Doutorado). Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde, Instituto de Psicologia, UnB, Brasília, DF.
- Winnicott, D. W. (1945). *Textos selecionados da pediatria à psicanálise* (J. Russo, Trad.). Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Winnicott, D. W. (1971). *A criança e o seu mundo* (2ª ed.; A. Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Winnicott, D. W. (2005). *Pensando sobre crianças* (2ª ed.; M. A. V. Veronese, Trad.). Porto Alegre: Artmed. (Obra original publicada em 1997).
- Winnicott, D. W. (2007). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (I. C. S. Ortiz, Trad.). Porto Alegre: Artmed. (Obra original publicada em 1983).